

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA

**RELATOS E RETRATOS: PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NO LITORAL DO
PARANÁ E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FORMAL.**

MATINHOS

2017

OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA

**RELATOS E RETRATOS: PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NO LITORAL DO
PARANÁ E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FORMAL.**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista, Curso de Especialização em A Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Ms. Almir Carlos Andrade

MATINHOS

2017

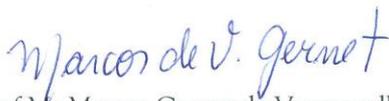
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador Prof Ms Almir Carlos Andrade, realizaram em 16 de dezembro de 2017 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante OSCAR ANTONIO DE OLIVEIRA, sob o título " Relatos e Retratos: Pessoas em Situação de Rua no Litoral do Paraná e Suas Relações com a Educação Formal", sendo requisito parcial para obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em *Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* da UFPR - Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo recebido conceito " APL ".

Matinhos, 16 de dezembro de 2017.



Prof Ms Almir Carlos Andrade



Prof Ms Marcos Gernet de Vasconcellos



Prof Ms André Essenfelder Borges



Oscar Antonio de Oliveira

Conceitos de aprovação
APL - Aprendizagem Plena
AS - Aprendizagem Suficiente

Conceito de reprovação
APS - Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI - Aprendizagem Insuficiente

Observação:

Caso o(a) estudante seja orientado(a) reformular seu trabalho, deve-se registrar no verso os requisitos apontados pela Banca Examinadora para o aceite final do trabalho

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a relação que as pessoas em situação de rua no litoral paranaense tiveram com a educação formal. Pretende-se ainda apresentar suas condições de vida e suas futuras expectativas, através dos relatos e imagens fotográficas desses atores, as quais retratam realidades cruéis vivenciadas por essa população que se encontra no litoral paranaense, especificamente nas cidades de Guaratuba, Matinhos e Paranaguá. Dessa forma para a realização do trabalho se utilizou a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, entrevistas semi-estruturadas e fotos. Como resultado busca-se a possibilidade da discussão da temática através da apresentação desse estudo dentro de salas de aula da rede pública de ensino, e da universidade, almejando no futuro ampliar a discussão para a sociedade.

Palavras-chave: Pessoas em Situação de Rua. Litoral Paranaense. Educação Formal.

ABSTRACT

The present article has as objective to present the relationship that the people in street situation in the coast of Paraná had with the formal education. It is also intended to present their living conditions and their future expectations, through the reports and photographic images of these actors, which portray the cruel realities experienced by this population that lies on the coast of Paraná, specifically in the cities of Guaratuba, Matinhos and Paranaguá. In this way, bibliographical research, documentary research, semi-structured interviews and photos were used to carry out the work. As a result, the possibility of discussing the subject through the presentation of this study within classrooms of the public teaching system and of the university is sought, aiming in the future to broaden the discussion to society.

Keywords: Homeless. Litoral Paranaense. Formal Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA.....	10
3. EDUCAÇÃO FORMAL NESTE CONTEXTO.....	15
4. METODOLOGIA.....	17
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	19
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICES.....	34

1. INTRODUÇÃO

No Brasil podemos perceber que os indivíduos são diferentes e estas diferenças são, biológica e culturalmente construídas por etnia, sexo, classe social, entre outros aspectos. Constatamos que algumas pessoas vivem em completa miséria e outras rodeadas de luxo, isto porque existe a desigualdade e a exclusão social, a qual se apresenta de diferentes formas, sendo constituída por uma série de elementos econômicos, políticos, educacionais.

Para Costa (2007, p. 35) “a própria população de rua, atualidade discutível e irreduzível, é algo relativamente novo, questão que foi ganhando maior coerência discursiva, consistência óptica e prática, e constitui-se enquanto um dilema público”.

Neste sentido embora a discussão da população de rua seja relativamente nova, ela vem ganhando espaço e necessidade de debates tanto no âmbito nacional, quanto estadual, e local, pois faz parte de uma realidade presente nas ruas das cidades em todo o Brasil.

Uma grande preocupação neste cenário entre várias temáticas de suma importância, está relacionada a questão da educação formal desses moradores de rua. Entender se já estiveram ou pretendem estar nas escolas, sua compreensão da educação formal e o que isso pode impactar em seu futuro, é bastante relevante para esse trabalho proposto.

Portanto, o presente artigo tem como questão norteadora: Qual a relação que as pessoas em situação de rua tiveram com a educação formal? Sendo assim, o objetivo é apresentar a relação que as pessoas em situação de rua no litoral paranaense tiveram com a educação formal. Ainda pretende-se apresentar suas condições de vida e suas futuras expectativas através dos relatos e imagens fotográficas desses atores, as quais retratam realidades cruéis vivenciadas por essa população que se encontra no litoral paranaense, especificamente em Guaratuba, Matinhos e Paranaguá.

Dessa forma para a realização do trabalho se utilizou a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, entrevistas semi-estruturadas e fotos retratadas pelo próprio autor desta pesquisa. Nas entrevistas foram coletadas informações desses moradores de rua em relação as suas origens, vivências e expectativas futuras e sua relação com a Educação Formal. Esse trajeto de pesquisa foi realizado ao longo dos anos de 2016

e 2017 durante a pesquisa de trabalho de conclusão de curso da Especialização em Questão Social pela perspectiva Interdisciplinar, onde essa temática está totalmente inserida.

Como complementação o trabalho traz algumas fotos que retratam o momento de encontro entre pesquisador, atores da pesquisa e suas realidades.

Alguns moradores de rua da comunidade litorânea pesquisada são ex-alunos da rede pública de ensino e até mesmo do privado, conforme encontrado durante a pesquisa.

Segundo fontes do Guia Ministerial do Conselho Nacional do Ministério Público – CNMP 2015, o qual será citado na sequência, a população de rua no Brasil é composta por uma grande maioria de homens, o que acaba vindo de encontro com o que encontrei na região litorânea pesquisada.

Portanto, ao trazer os depoimentos dos moradores de rua junto com suas imagens, iremos descortinar também o que fazem para ganhar comida, dinheiro, aonde e como dormem, como cuidam da higiene pessoal e outras tantas questões que os permeiam, o que permitirá construir uma melhor compreensão da vida que essas pessoas levam atualmente na sociedade.

Portanto trata-se de uma temática que merece ser vista, refletida e cumprida na forma da lei, pois este trabalho também vem de encontro com o Decreto nº 7.053 de 23 dezembro de 2009, que instituí a Política Nacional para a População em Situação de Rua, a qual será implementada de acordo com os princípios, diretrizes e objetivos contidos neste, o qual será citado ao longo do trabalho.

Dessa forma, a escolha do tema foi motivada pelo fato do envolvimento profissional do pesquisador com à área da educação e a sua participação nas questões sociais e educacionais da comunidade litorânea paranaense e as possibilidades que este projeto proporcione uma melhor compreensão, acompanhamento e avaliação das reflexões que tangem as questões da educação e desigualdades sociais na região litorânea paranaense, algo extremamente desafiante.

Não apenas por essa razão, mas do mesmo modo pelas oportunidades de que esta pesquisa se valha a suportar novos estudos, mais gerais e variados e, sendo

assim, as respostas que sejam obtidas possam ser utilizadas como colaboração para o aprimoramento de pesquisas nessa temática.

Como resultado desse processo de pesquisa já foi realizada e pretende-se continuar a realização de uma reflexão da temática junto aos alunos, professores e sociedade e identificar quais são seus impactos dentro de salas de aula.

2. PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

O Brasil é um dos países mais ricos do mundo, de acordo com seu Produto Interno Bruto (PIB)¹, porém a grande maioria da população vive em situação de pobreza, a qual inclusive já se acostumou ao passar dos séculos com tantas desigualdades sociais, carecendo de políticas públicas e um olhar mais atentos dos governantes e da sociedade.

Grande parte da população vive desamparada de seus direitos sociais, à margem do emprego, sem acesso à educação, sem alimentação de qualidade, sem saneamento básico, sem residência fixa, o que muitas vezes faz com que acabem indo parar nas ruas das grandes e pequenas cidades brasileiras, vivenciam inúmeros conflitos e desestruturas familiar, dentre outros aspectos.



FONTE: O autor (2016).

Contribui com essa questão o disposto no Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009, da Presidência da República Federativa do Brasil que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Inter setorial de Acompanhamento e Monitoramento. A definição de população em situação de rua é:

Parágrafo único. Para fins deste Decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de

¹ A revista Global Finance Magazine classificou os países mais ricos do mundo de acordo com seu Produto Interno Bruto (PIB) 'per capita' medido em paridade do poder de compra (PPC), num 'ranking' publicado em fevereiro de 2017, baseado em dados do Fundo Monetário Internacional.

forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (BRASIL, 2009).

Partindo do disposto no decreto é preciso que a população brasileira e o governo tomem mais conscientização em relação a existência e aos direitos destes cidadãos que precisam ser respeitados. É notório que as pessoas que se encontram em situação de rua necessitam de um apoio social e governamental e por parte de toda a população, pois por conta própria é quase que impossível que eles se reestruturarem já que os mesmos romperam seus laços familiares, moram nas ruas, abandonados, se alimentam do lixo ou dos restos do lixo, abandonam as escolas, vivem em extrema miséria, entre outras.

Dessa forma, Ferro (2011, p. 62), faz uma crítica localizada na atualidade, destaca

a atuação estatal é marcada por uma “esquizofrenia institucional”, onde “(...) setores do Estado desenvolvem políticas de atenção e proteção das pessoas em situação de rua enquanto que, simultaneamente, outros setores põem em prática políticas de repressão, violência e expulsão dessas pessoas do espaço público” (Rosa e Ferro, 2011). Dessa forma, a “nova relação” do Estado com a problemática da população em situação de rua, marcada pelo reconhecimento estatal de suas obrigações diante dessa população e a elaboração de políticas públicas de caráter social, não superou a relação anterior de violência e expulsão, senão que ambas convivem simultaneamente.

Ao nos depararmos com as pessoas em situação de rua podemos perceber nitidamente um processo de exclusão social, a situação degradante que a grande maioria se encontra, pois, os mesmos passam dias sem tomar banho e muitas vezes cheiram mal, suas roupas vivem sujas e esfarrapadas, se alimentam regularmente de sobras do lixo, não cortam seus cabelos e barbas, dormem e vivem ao relento em calçadas, de baixo de pontes e viadutos, sobrevivem da mendicância, cuidando de carros, da coleta de materiais recicláveis como alumínio, plástico e papelão e muitas vezes cometem até pequenos delitos.



FONTE: O autor (2016).

Em relação a exclusão social, é evidente atentar-se ao processo de desqualificação social, estudado e elaborado por Paugam (2011, p. 78), onde ele analisa a ruptura dos vínculos sociais como a última fase desse processo, e é caracterizada como:

[...] um acúmulo de fracassos que conduz a um alto grau de marginalização. Sem esperança de encontrar uma saída, os indivíduos sentem-se inúteis para a coletividade e procuram o álcool como meio de compensação para sua infelicidade.

Esse pode ser considerado um dos momentos em que as pessoas cortam o vínculo com a família e com a sociedade, pois encaram um momento de muitos fracassos consecutivos em sua trajetória de vida e com a falta de apoio familiar, de moradia, de emprego, sem as mínimas condições de saúde muitas vezes, entre tantos

outros quesitos, que o fazem ir parar nas ruas e então começam a passar por todo um processo de desqualificação social.



FONTE: O autor (2016).

Outra questão relevante é considerar, que grande parte da população de rua, são de pessoas negras. Entretanto, ainda nesta perspectiva das desigualdades, encontra-se a questão racial, a qual elabora uma relação entre exclusão por parte do Estado e a consequência da miséria material:

Um dos fatores que chama a atenção para a construção da desigualdade no Brasil diz respeito ao lugar social do negro: margem, favela, pobreza, subemprego são algumas das heranças históricas. Tudo consequência de um longo período de escravidão seguido de uma libertação burocratizada que atendeu aos anseios da elite e apagou o grupo negro do processo. Pensando no aspecto legal do racismo e da discriminação, Santos (2005, p. 17) propõe que muito mais que regras punitivas de natureza penal, é preciso buscar compromissos do Governo e da sociedade que alimentem a consciência do racismo e as formas para combatê-lo com políticas que lhe dêem visibilidade. Santos (2005, p. 69) cita Martin Luther King que afirmou que “a lei não pode fazer com que a pessoa me ame, mas pode fazer com que não me elimine”

Com a implementação da Política Nacional para a População em Situação de Rua, além da igualdade e equidade, serão garantidos os seguintes aspectos:

I - Respeito à dignidade da pessoa humana;

II - Direito à convivência familiar e comunitária;

III - valorização e respeito à vida e à cidadania;

IV - Atendimento humanizado e universalizado; e

V - Respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência.

Essa população sobrevive com muitas dificuldades diárias e na maioria das vezes são ignoradas pelo poder público na maioria dos municípios brasileiros, que essa situação possa ser alterada, através de políticas públicas efetivas e ações sociais.



FONTE: O autor (2016).

3. A EDUCAÇÃO FORMAL NESTE CONTEXTO

A falta de acesso à uma Educação Básica de qualidade do cidadão diante ao Estado, inclusive garantida pela Constituição Federal de 1988, está ocasionando uma mudança das responsabilidades entre governo e população, o que também abre espaço para as fragilidades sociais coletivas e individuais.

A Educação mereceu destaque na Constituição Brasileira de 1988 que em seus dispositivos transitórios (ADCT 60 modificado pela Emenda Constitucional 14/1996) dava o prazo de dez anos para a universalização do Ensino e a erradicação do analfabetismo. Ainda em 1996 surgiu a nova LDB - Lei das Diretrizes Básicas 9394, que instituiu a Política Educacional Brasileira. A lei 9131/1995 criou o Conselho Nacional de Educação, substituindo o antigo Conselho Federal de Educação que havia surgido com a LDB de 1961 e tinha sido extinto em 1994.

Para entendermos melhor em que momento as pessoas que se encontram em situação de rua romperam seus vínculos com a escola, é preciso entender os processos educacionais que envolve toda a nação por gerações. Uma pesquisa nacional que retrata sobre o fracasso escolar é o de Patto (1990).

A autora indica os motivos das desigualdades educacionais na sociedade brasileira, o desastre escolar da população de baixa renda tem origens históricas que são definidas pelo contexto socioeconômico e político, nos quais preconceitos e tipificações sociais são despertadas na trajetória escolar de cada indivíduo.

Como a escola atua como um mecanismo de ascensão e de estatus social, Patto (1990) examina o discurso feito pela psicologia que defende as dificuldades de aprendizagem com uma visão sistematizada das aptidões humanas, fadada de discursos racistas e elitistas. Para a autora, a improbidade da escola decorre do desempenho negativo da eficácia intelectual dos alunos e da decorrente depreciação social da população em de pobreza.

Ao longo da história do Brasil, muitas pessoas foram injustiçadas, violentadas e escravizadas pela a ganância do poder nas mãos de poucos, sobre o suor e o sofrimento de muitos. A trajetória da educação não se desvincula da questão social, pois fazem parte de um mesmo princípio de igualdade e direitos.



FONTE: O autor (2017).

4. METODOLOGIA

Esse trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma pesquisa bibliográfica, contemplando a pesquisa documental, entrevistas semi-estruturadas, o registro de fotografias e análise dos resultados da pesquisa.

O trabalho se desenvolveu a partir de entrevistas e fotos realizadas nos municípios de Guaratuba, Matinhos e Paranaguá, durante os anos de 2016 e 2017 percorrendo alguns lugares destes três municípios litorâneos paranaense. Os entrevistados foram pessoas que se encontravam em situação de rua, as quais eu às encontrava pelo caminho durante minhas rotinas diárias de trabalho, estudo e lazer. Conforme ia me deparando com os mesmos, aproveitava a oportunidade para conversar e fotografar, o momento em que eles iam relatando suas experiências, a forma com que os entrevistados foram selecionados, se deu de maneira aleatória sem hora ou local definido, conforme os encontrava pelas ruas em meu dia a dia, ia conversando, fotografando, anotando e gravando em áudio e vídeo todos os depoimentos desses moradores.

Esses foram momentos de fundamental importância pois marcavam o encontro entre pesquisador, atores da pesquisa e suas realidades. No total foram entrevistadas dez pessoas em situação de rua, de ambos os sexos, sendo duas delas mulheres, com idade que variam dos 27 aos 58 anos.

O primeiro contato com os participantes se deu de maneira simples e singela, pois eu os abordava perguntando como eles estavam? Na maioria das vezes era visível que a situação em que se encontravam era deplorável e/ou desumana, e já os oferecia algo para comer ou beber, e assim já começávamos nossa aproximação.

A partir da aproximação, iniciava a entrevista, a qual foi dividida em três fases: a primeira fase teve o objetivo de investigar as informações referentes ao contexto de vida passado dos entrevistados; na segunda fase do roteiro semi-estruturado da entrevista conforme (apêndice I), a pergunta era sobre sua origem e em seguida remetiam-se a relação que o indivíduo teve com o processo da Educação Formal, por último, mas não menos importante as questões traziam à tona a relação em que a pessoa tem com o mundo em que o permeia e quais são suas expectativas futuras.

No momento em que falávamos sobre Educação, os questionava com temas atuais e do passado, começamos a falar sobre a família a infância e as relações que tiveram com a escola. Neste momento do assunto normalmente eu falava que era professor da Educação Básica e pesquisador, e que eu gostaria que eles participassem desta pesquisa e destes retratos fotográficos, com o aceite por parte de todos (as) que foram abordados.

Na terceira e última etapa das abordagens, emergiam as questões relacionadas ao tempo em que se encontravam em situação de rua, relatam como é morar nas ruas, como a sociedade os tratavam, como encaram a vida e os seus planos e sonhos de vida, assim entre racionalidade, penumbra, solidão, abandono, rejeição, exclusão e ódio, as questões eram respondidas. Sentimentos que carregam na maioria das vezes desde seu passado, dias atuais e futuros. Na sequência eu os retratava fotograficamente, em sua mais absoluta naturalidade com o mundo que os cerca.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta parte serão relatadas as histórias de vida de nove pessoas que se encontram em situação de rua sendo duas delas do sexo feminino, os quais foram os atores principais da minha pesquisa. O local escolhido foi o litoral paranaense, mais especificamente, foram os municípios de Guaratuba, Matinhos e Paranaguá.

Trago aqui alguns dados relevantes sobre a Pesquisa Nacional sobre as pessoas em situação de rua que constam no Guia de Atuação Ministerial: defesa dos direitos das pessoas em situação de rua. Conselho Nacional do Ministério Público. – Brasília: CNMP, 2015. De acordo com os resultados da pesquisa, “as pessoas em situação de rua se caracterizam predominantemente por homens (82%), dos quais 67% são negros, percentual que é superior ao da população brasileira”. (CNMP, 2015)

Nesta pesquisa dentro da perspectiva das dez pessoas entrevistadas, pode-se constatar-se que o número de homens em situação de rua é maior do que de mulheres, já que normalmente as mulheres acabam ficando com a casa e as crianças, conforme destacado nos relatos.

Todos já possuíram uma profissão formal (metalúrgico, policial, estivador entre outras), a qual não mais exercem, o nível de escolaridade é baixo, principalmente entre os mais velhos e somente dois dos mais novos possuem o ensino médio completo.

Lembrando de um fato de suma importância na qual as pessoas em situação de rua estão diretamente ligados, é a questão da coleta de materiais recicláveis para sua “subsistência financeira”, a qual muitas vezes pode caracterizar que todo coletor de materiais recicláveis também possa se encontrar em situação de rua, fato errôneo este aos olhos de quem os observar e logo os subjugam.

Todos os entrevistados sabem ler e escrever, apesar de que quatro deles afirmam terem passado por muitas dificuldades já que cursaram apenas alguns anos na Educação Infantil, enquanto outros quatro pararam no Ensino Fundamental e os outros dois concluíram o Ensino Médio.

Percebo na fala da maioria dos entrevistados, que os diferentes fatores que os induzem a parar de estudar são: o trabalho infantil, complementação da renda familiar,

a desestruturação e a perda de familiares, casamento, gravidez, entre outros. A Pesquisa Nacional sobre as pessoas em situação de rua aponta que:

Grande parte dessas pessoas tem como fonte de renda as atividades no mercado informal (52%), tais como: catadores de material reciclável (27,5%), flanelinhas (14,1%), trabalhadores da construção civil (6,3%) e limpeza (4,2%), carregadores e estivadores (3,1%). (CNMP, 2015)

Fatores estes que influenciam fortemente para o aumento da população de rua, juntamente com decepção amorosa, o uso excessivo de álcool e drogas, desigualdade social, dificuldades econômicas, perda de emprego, entre outros, que trazem como consequência à perda de referências e da própria história familiar e social. De acordo com Frankl (1997, p. 97): “fenômenos tão difundidos como depressão, agressão e vício não podem ser entendidos se não reconhecemos o vazio existencial subjacente a eles”.

Dentro das questões levantadas do roteiro de entrevista pode-se constatar que a grande maioria dos entrevistados é oriunda do Estado do Paraná, com algumas exceções, sendo duas delas de outros Estados brasileiros (São Paulo e Santa Catarina).

Conforme constatado no trabalho a maioria das pessoas acabam indo parar nas ruas primeiramente por desavenças familiares, as quais são geradas a partir da falta de afeto entre os familiares. Questões financeiras com perda ou falta de afeto entre os familiares. Questões financeiras com perda ou falta de emprego, qualificação e oportunidades. E na sequência vem o alcoolismo e a drogadição.

Ao questioná-los de que forma a escola (Educação Formal) contribuiu para sua vida (formação), os mesmos têm as respostas mais variadas possíveis, porém pode-se constatar uma falta de conexão de mundo relacionado aos compromissos diários pessoais, sociais e familiares, já que as vivências que os mesmos trazem perpassam o nosso conhecimento de vida.

As classes populares, especialmente as em situação de pobreza, têm percurso escolar eivado de fracasso, com menor proficiência, mais percalços e evasão; nem sempre concluem o ensino fundamental, apresentam pouco acesso ao ensino médio e dificilmente ascendem ao ensino superior, permanecendo em situação vulnerável (HENRIQUES, 2000, p. 23).

A grande maioria dos entrevistados tiveram uma vida tranquila até um certo ponto, puderam estudar, tiveram as figuras paternas, maternas, familiares e afetivas durante uma parte de suas vidas, já outros são completamente desestruturados desde

o momento em que nasceram e foram abandonados pelos seus pais ou responsáveis e acabaram crescendo em orfanatos ou foram adotados por pessoas que os exploram e os subjugaram durante toda a sua formação; já outros pontuam que estão nas ruas desde criança.

A diversidade do país e sua heterogeneidade cultural precisam ser mais estudadas e conhecidas. Esse conhecimento tornou-se indispensável para o delineamento de formas mais legítimas de desenvolvimento socioeconômico. Colocar em circulação e favorecer o diálogo dessa multiculturalidade poderá oferecer subsídios importantes na construção de uma democracia plural, condição indispensável para a equidade e justiça social. (CUÉLLAR, p. 8, 1997).



FONTE: O autor (2017).

Durante o levantamento pode-se constatar que os últimos entrevistados estavam em situação de rua faziam apenas alguns meses, porém a grande maioria já se encontra a anos nesta condição. Ao relatarem suas experiências de como é morar nas ruas todos relatam sem exceções que fácil não é, pois, os mesmos enfrentam todos os dias a falta de acesso à moradia, alimentação, higiene, segurança, saúde, educação, entre tantos outros recursos básicos que esta população tanto necessita.

Podemos perceber em seus relatos o quanto a sociedade é irracional e desumana para com essas pessoas, salvo algumas raras exceções.

Na sequência será apresentado algumas das partes significativas dos relatos de alguns entrevistados, para a preservação da identidade dos mesmos, eles serão identificados aqui no trabalho apenas pelas primeiras letras de seus nomes.

O primeiro entrevistado traz relatos voltados aos seus cinco primeiros anos de estudos pois, ***M.F.R. (entrevistado 1 - homem)**, ao ser perguntado a ele até que série teria estudado o mesmo relatou que:

“Bah cara eu fui dois dias para a quinta série e daí fui *expurso*, eu era muito burro, tinha muita dificuldade para aprender, até na classe especial eu estudei, que eu me lembre eu tinha uns 14 anos quando eu parei de ir para a escola, parei de estudar”.



FONTE: O autor (2016).

Quanto à questão relacionada a família Passos 2005 destaca:

a noção de família compreende a relação de pessoas com laços biológicos que se relacionam entre si dentro de um espaço privado, nesse relacionamento mútuo existem trocas de afetos e a possibilidade de reconhecimento entre os sujeitos, e como frutos desse relacionamento surgem experiências dos impasses, dos conflitos, e enfim dos prazeres e desprazeres que esse tipo de intimidade estabelece. (PASSOS, p. 26, 2005).



FONTE: O autor (2016).

Ao ser indagado sobre seus laços familiares e sua vida nas ruas, **M.F.R. relata um pouco sobre suas vivências: “estou com 32 anos e sempre morei na rua, desde que eu fiz 18 anos de idade e fui *expurso* de casa, por isso estou nessa caminhada.

De acordo com Sposati (1999, p. 103): “exclusão é um processo complexo, multifacetado, que ultrapassa o econômico do ponto de vista da renda e supõe a discriminação, o preconceito, a intolerância e a apartação social”.

Perguntado sobre como é morar nas ruas ele respondeu: “Olha morar na rua não é bom para mim, quanto para qualquer morador de rua, mas olha eu vejo a minha vida como se eu fosse um cara abençoado por Deus, porque tem tantas pessoas, que gostariam de fazer o que eu faço, mas não podem, porque estão em uma cadeira de rodas ou deitadas em uma cama, eu entrego tudo nas mãos de Deus e rezo um pai nosso e seja o que Deus quiser. *M.F.R. encerra seu depoimento falando de seu sonho que seria: o de ter uma família e uma casa própria”.

Percebe-se que a educação formal não se coloca, até porque jamais foi inclusiva para o entrevistado, perdeu-se no bojo do vazio existencial. Enquanto Dupas (2012, p.23) explicita:

Delimita o conceito exclusão social essencialmente pelo viés da pobreza, entendendo-a como a incapacidade de satisfazer necessidades básicas, compreendendo não apenas pela ideia de falta de acesso aos bens e serviços, mas também à justiça, à segurança e à cidadania.



FONTE: O autor (2017).

Dando prosseguimento as entrevistas, conhecemos ***A.V. (entrevistado 2 - homem)**, 52 anos, natural de Paranaguá. Perdeu a mulher e mais duas filhas em um incêndio, o qual destruiu sua casa, já cerca de uns 12 anos. Seus parentes, mãe e irmãos vivem em Paranaguá. Estudou até a 7ª série e parou de frequentar a Escola, porque se casou aos 22 anos de idade, viveu com a mulher até seus 40 anos, época em que ela veio a falecer. Desde então ****A.V.** mora nas ruas da cidade de Matinhos. O entrevistado conseguiu transitar na educação formal na maior parte da educação fundamental, no entanto, a despeito da tragédia vivida pelo entrevistado, não conseguiu colocar-se como espaço de recuperação, crescimento e incentivo pela vida.

Dentre tantos personagens que encontrei durante este trabalho não posso deixar de citar o relato de ***N.R. (entrevistado 3 - homem)**, 32 anos, natural de Guarapuava, *N.R. concluiu o ensino médio, e trabalhava como metalúrgico, está morando nas ruas há quatro meses, e chegou no litoral paranaense fazem dois meses. *N.R. estava casado até meados de 2013, época em que saiu de casa e deixou sua mulher e filho, "minha mãe morreu e eu estou desorientado, vagando pelo mundo, não quero voltar para casa nesta situação em que eu me encontro.

Tenho o segundo grau completo e minha profissão é metalúrgico, só que não consegui dar conta das minhas responsabilidades já que eu uso droga e comecei a perder tudo o que eu tinha".

No que se refere ao aspecto educacional, 74% são alfabetizados (lêem e escrevem). Não concluíram o Ensino Fundamental 63%, 15% nunca estudaram e 5% frequentavam a escola. Aproximadamente 25% dos pesquisados afirmaram não possuir qualquer documento pessoal, o que dificulta a obtenção de emprego formal, acesso a serviços públicos e programas governamentais). (CNMP, 2015).

Triste, é muito triste, não é como ter a sua casa e você poder descansar, comer e ser feliz (choro). Nas ruas há muitos perigos uma hora você está de boa, mas os lugares não são fáceis é preciso se cuidar. Vivo como um verdadeiro mendigo (choro). **N.R. tem a percepção da discriminação social. É humilhante pedir comida na casa de uma pessoa como um miserável, sobre sonhos e futuro **N.R. diz que: filho de 14anos e não quero que ele me veja assim, preciso dar a volta por cima.

E como será o seu futuro?

N.R.: Não sei só Deus sabe como será meu futuro, entrego nas mãos dele.

N.R.: Olha ver a gente nesta situação não tem como.... Muitos me descriminam porque uso droga, mas ninguém que usa essas porcarias, gostaria de estar usando e ficar nessa. Eu não precisava disso. Usei muita droga, mas já estou vinte dias sem usar, estou tentando me libertar, perdi casa, moto, carro, família tudo por causa desta maldita droga (choro). Estou com muita vergonha da minha família. Entrar é fácil o difícil é se livrar desta maldição. O que consegui em dez anos, perdi em menos de um. Preciso voltar bem para casa, por isso não procuro a ajuda deles, todo o andarilho tem um sonho, quero reconstruir tudo o que perdi.

O entrevistado 3 *N.R., conseguiu concluir o Ensino Médio, ter um emprego, uma casa e até mesmo formar uma família, porém a perda de um membro de sua família combinado com o uso abusivo de álcool e droga, o colocaram nessa situação.

De acordo com Costa (2005, p. 3):

A população em situação de rua é um grupo heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que temem comum a condição da pobreza absoluta e a falta de pertencimento à sociedade formal. São homens, mulheres, jovens, famílias inteiras, grupos, que têm em sua trajetória a referência de ter realizado alguma atividade laboral, que foi importante na constituição de suas identidades sociais. Com o tempo algum infortúnio atingiu suas vidas, seja a perda do emprego, seja o rompimento de algum laço afetivo, fazendo com que aos poucos fossem perdendo a perspectiva de projeto de vida, passando a utilizar o espaço da rua como sobrevivência e moradia.



FONTE: O autor (2016).

O **(entrevistado 4 – homem) * O.W.S.** de 26 anos, comenta sobre como as pessoas os tratam. É revoltante! Algumas pessoas passam de carro e não olham muito e ficam analisando e pensam: nossa... rapaz jovem, largado na rua todo sujo, catando latinha... é vagabundo! Eles pensam assim. Pensam que a gente vai roubar. Todo pessoal da rua é injustiçado. Já julgam que é ladrão, maconheiro, estuprador. A gente fica condenado. Quando a gente percebe, tem sempre umas pessoas reparando. A gente fica muito triste!

A constituição da família moderna de acordo com Reis (1987), independente de sua forma e composição, foi influenciada por uma ideologia familiar criada a partir do capitalismo com a formação de padrões da família burguesa que

foi plenamente estabelecida no início do século XIX, ou seja, os membros das famílias desempenhavam determinadas funções que se relacionavam diretamente com a divisão no trabalho entre homem e mulher.

O **(entrevistado 5 – homem)* M. A.**, 35 anos, Natural de Guaratuba, residiu durante quatro meses debaixo da ponte do Rio Matinhos (centro), em uma situação desumana me deparava com o mesmo todos os dias que por lá passava, M. A., relata “Estou morando aqui entre ratos e lixo que o rio traz, sem falar que esses dias o rio encheu e quase me arrastou junto, eu tinha bebido demais e não conseguia acordar, daí os caras ali do bar que me tiraram daqui, olho me encontro nesta situação devido ao uso de crack e bebida, eu já fui casado com uma mulher evangélica, tinha uma parati, duas motos, casa e tudo mais, mais aos poucos fui perdendo tudo e hoje me encontro nesta situação, meus pais moram no Piçarras em Guaratuba, mas eu não vou lá ver eles nesta situação”.

* **W.L. (entrevistado 6 – homem)**, natural de Paranaguá, encontrava-se internado no hospital regional de Paranaguá já a alguns meses até obter alta e ir parar nas ruas, pois seu pai não o aceita e o maltrata já a muitos anos devido a sua opção sexual. “. Minha mãe faleceu quando eu era criança, e meu pai nunca teve paciência para mim, e depois que ele descobriu que eu sou homossexual ele começou a me espancar e me expulsar de casa. E agora também eu estou com um câncer já a uns dois anos, então passei um tempo no hospital, saí voltei, e agora saí de volta e não tenho para aonde voltar lá no pai não posso voltar pois ele quer me matar, olha eu tenho todos os papéis do médico e as receitas aqui ó, pode ver ”.

Em relação a exclusão social, é importante notar o processo da desqualificação social, pesquisado e estruturado por Paugam (2011, p. 78), aonde avalia-se a ruptura dos vínculos sociais e a parte de todo esse processo, que é caracterizado como:

[...] um acúmulo de fracassos que conduz a um alto grau de marginalização. Sem esperança de encontrar uma saída, os indivíduos sentem-se inúteis para a coletividade e procuram o álcool como meio de compensação para sua infelicidade.



FONTE: O autor (2017).

O (entrevistado 7 – homem)* E. R. "Ninguém nos vê. Nossa presença não faz a menor diferença para as pessoas, apenas para aquelas pessoas que passam por nós e ficam com medo ou raiva. Nos julgam como se todos nos fossemos vagabundos, mas estão completamente enganados. Eu sou uma pessoa de bem, de família, estou aqui apenas por ironia do destino, apenas por acaso".

A maioria nunca teve carteira assinada ou não trabalhava formalmente há muito tempo. Vale ressaltar que, apesar do entendimento comum, apenas uma minoria (15%) é pedinte. Assim não se trata de mendigos, mas de trabalhadores que têm alguma profissão exercida, em regra, na economia informal. (CNMP, 2015).

* J.B. (entrevistado 8 – mulher) "Meu menino teve um problema na cabeça. Os médicos disseram que fizeram tudo para salvar a vida dele, mas não conseguiram salvá-lo. Deus levou o meu filho com apenas 13 anos. Foi um trauma muito grande. Não consegui me reerguer e estou aqui por causa desses problemas da vida", lembrou".

A **(entrevistado 9 – mulher)* S.F.S.** “Meu marido era alcoólatra e batia muito em mim. Esperei ele dormir e fugi de casa de noite. Fui *pra* casa da minha mãe, mas meu irmão não aceitou eu ficar lá. Acordava toda machucada. Meu marido me batia quando eu estava dopada de remédio, se não estivesse, enfrentaria ele. A Lei Maria da Penha não funciona”. S. F. S. disse que está nas ruas há 2 anos, mas prefere estar na rua do que ser espancada diariamente. “É horrível estar aqui, por causa do frio, chuva, mas estou melhor do que lá. Era mais sofrimento. Eu tomo remédio tarja preta, os remédios são muito fortes”, relatou S.F.S.

A moradora trabalhava como costureira e tem cinco filhos, os quais nem imaginam a situação em que mãe se encontra. “As minhas crianças não me procuraram e nem imaginam que eu me encontro nesta situação. Mas eles já aguardavam que tudo isso viesse a acontecer, eu falei que viria morar na rua. E eu não consegui cuidar deles, como é que eles vão querer cuidar de mim, afirmou.

Essa população encara a vida desumana que levam com muita coragem, amarguras, fé e um pouco de felicidade disfarçada de paz e liberdade. Pois nem mesmo se alimentando do lixo ou dormindo com frio no chão e ao relento desistem de lutar e sobreviver.

De acordo com o Guia de Atuação Ministerial: defesa dos direitos das pessoas em situação de rua do Conselho Nacional do Ministério Público, a pesquisa nacional sobre as pessoas em situação de rua:

apontou como principais motivos pelos quais os entrevistados passaram a viver nas ruas: alcoolismo e/ou uso de drogas (35,5%), perda de emprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%). Quanto à procedência, a pesquisa revela que a maior parte dessas pessoas é proveniente de áreas urbanas (72%), do mesmo local ou regiões próximas de onde se encontram, o que demonstra que o êxodo rural não é mais expressivo nesse contexto. (CNMP, 2015).



FONTE: O autor (2016).

Em relação aos dados apontados pela pesquisa, eles também condizem com a realidade encontrada nesta seguinte pesquisa desenvolvida. Enfim, sonhos, eles/elas (os moradores de rua) tem sim e não são poucos, sonham em ter uma casa, sonham em ter uma família, sonham em ter uma vida melhor, sonham em ser felizes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A "população em situação de rua" é um acontecimento histórico. São pessoas de ambos os sexos, das mais diferentes faixas etárias, solteiras, mas muitas vezes casada, as quais vivem sozinhas, vindas de diferentes regiões do estado e do país.

Como foi comentado, as pessoas em situação de rua, não são reconhecidas como sujeitos de direitos e valores e sobrevivem como seres invisíveis, frente à sociedade e ao Estado. Essas pessoas vivem fora do contexto social e a pobreza é um dos fatores que mais contribui para a exclusão social. Essas pessoas ainda são o reflexo de uma sociedade enraizada nos processos de colonização do Brasil pelo contexto histórico de desigualdades e exploração.

Para que essa dura e desumana realidade seja transformada é necessária total visibilidade da Sociedade e do Estado, e que providências e investimentos sejam feitos em forma de políticas públicas voltadas para essa população, a fim de disseminar inclusão social, e garantir o acolhimento e direitos dessa classe, pois existe a necessidade de articulação entre as políticas públicas.

A junção com outras políticas tais como programas que acompanhem a toda a população nacional desde a educação infantil, moradia, saneamento básico, saúde, segurança, lazer entre outros, é um fator de suma importância para uma real concretização dos direitos dos indivíduos em situação de rua. Portanto a sociedade em geral deve mudar seu ponto de vista em relação a essa situação, e compreender que todos são credores de direitos e por isso devem ser tratados com igualdade, mesmo que a realidade de cada ser humano seja diferente uma da outra.

Apenas com a compreensão de todos, inclusive da população em situação de rua, é que poderá haver uma transformação social na vida e no destino de cada ser humano que se encontra nessas situações.

Reconheço a importância da temática a ser debatida e compreendida na sociedade, especialmente dentro de Escola, Universidades e do espaço Governamental, contudo proponho o desafio de avaliar a temática mencionada.

REFERENCIAS

- COSTA, Daniel. **A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.
- COSTA, L. C. da. **Pobreza, Desigualdade e Exclusão Social**, in Sociedade e Cidadania desafios para o século XXI. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2005.
- CUÉLLAR, J. P. Org. **Nossa Diversidade Criadora: relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento**. Campinas: Papirus; Brasília: Unesco, 1997.
- DUPAS, G. A lógica da economia global e a exclusão social. *Estud. av.*, São Paulo, v. 12, n. 34, Dec. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141998000300019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 maio 2012.
- FERRO, Maria Carolina Tiraboschi. **Desafíos de la participación social: alcances y límites de la construcción de la política nacional para la población en situación de calle en Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Sociologia). FLACSO, Argentina, 2011.
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 2 a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO – CNMP. **Guia de Atuação Ministerial: defesa dos direitos das pessoas em situação de rua**. Conselho Nacional do Ministério Público. – Brasília: CNMP, 2015. Disponível em: http://www.cnmp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/Guia_Ministerial_CN_MP_WEB_2015.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2017.
- HENRIQUES, R. **Desigualdade e Pobreza no Brasil**. Brasília: IPEA, 2000.
- MELO, Tomás Henrique de Azevedo Gomes. **A rua e a sociedade: articulações políticas, socialidade e a luta por reconhecimento da população em situação de rua**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. UFPR. Curitiba, 2011.
- PAUGAM, S. **O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais – Uma dimensão essencial do processo de desqualificação social**. In: Sawaia, B. (org). *As artimanhas da exclusão social: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, RJ: Vozes. 69-88, 2011.
- PASSOS, M. C. **Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família**. In: Feres-Carneiro, T. (org). *FAMILIA E CASAL: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro/RJ: PUC-Rio. 15-23, 2005.
- PATTO, M. H. S. **A reprodução do fracasso escolar**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.
- PAUGAM, S. (2011). **O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais – Uma dimensão essencial do processo de desqualificação social**. In: Sawaia, B. (org). *As artimanhas da exclusão social : Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, RJ: Vozes. 69-88.

Reis, J. R. T. (1987). **Família, emoção e ideologia**. In: Lane, S.T.M. et Codo, W. (orgs). *Psicologia Social– o homem em movimento*. 5.ed. São Paulo, SP: Brasiliense

SANTOS, Gersiney Pablo. **O jornal Aurora da Rua e o protagonismo na situação de rua: um estudo discursivo crítico**. Dissertação de mestrado (Linguística). Universidade de Brasília, 2005.

SPOSATI, A. **Políticas sociais nos governos petistas**. Em I. Magalhães, L.Barreto & V. Trevas (Orgs.), *Governo e cidadania: balanço e reflexões sobre o modo petista de governar*.(pp. 82-107). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual é a sua naturalidade?
2. Até que série estudou?
3. Por que parou de estudar?
4. No que a Escola (Educação Formal) contribui para sua vida (formação)?
5. Como era sua vida antes de morar nas ruas?
6. A quanto tempo está em situação de rua?
7. Como é morar nas ruas?
8. Como as pessoas (sociedade) lhe tratam?
9. Como você encara a vida?
10. Qual é o seu sonho (planos) de vida?